CULTURA EXPLOSIVA

DISSOLVER PARA COMPOR O VAZIO

RAPHAEL ABREU

universidade federal da paraíba
centro de tecnologia
departamento de arquitetura e urbanismo

cultura em explosão

dissolver para compor o vazio

trabalho final de graduação
raphael nunes de abreu júnior

com orientação de **dalton ruas**

maio de 2024

Documento assinado digitalmente
gov.br
DALTON BERTINI RUAS
Data: 30/05/2024 23:12:10-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

dalton bertini ruas (orientador)

Documento assinado digitalmente
gov.br
CAROLINA SILVA OUKAWA
Data: 28/05/2024 14:19:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

carolina silva oukawa (banca)

Documento assinado digitalmente
gov.br
PEDRO DULTRA BRITTO
Data: 29/05/2024 09:51:29-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

pedro dultra britto (banca)

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

J95c Junior, Raphael Nunes de Abreu.
cultura em explosão: dissolver para compor o vazio / Raphael Nunes de Abreu Junior. - João Pessoa, 2024.
96 f. : il.

Orientação: Dalton Bertini Ruas.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Vazio urbano. 2. Intervenção. 3. Descentralização Programática. I. Ruas, Dalton Bertini. II. Título.

UFPB/CT/BSCT CDU 72:711(043.2)

Elaborado por ONEIDA DIAS DE PONTES - CRB-15/198

WWW

com sol e chuva você sonhava
queria ser melhor depois
você queria ser o grande herói das estradas
tudo que você queria ser

sei um segredo
você tem medo

só pensa agora em voltar
não fala mais na bota e do anel de Zapata
tudo que você devia ser
sem medo

não se lembra mais de mim
você não quis deixar que eu falasse de tudo
tudo que você podia ser...
na estrada

ah! sol e chuva
na sua estrada

mas não importa, não faz mal
você ainda pensa e é melhor do que nada
tudo que você consegue ser... ou nada.

tudo que você podia ser, 1972 (lô borges & milton nascimento)

agradecimentos

Quando esbocei o primeiro texto de agradecimentos percebi que tenho muito a agradecer, me questionei se cabiam todos aqui ou se seria muito prolixo. Acredito que dessa vez cabe ser prolixo, cabem todos vocês aqui.

Agradeço a Dalton Ruas, por todas as doses de ânimo, referências nipónicas e suporte ao longo do processo. Com sua orientação cuidadosa e permissíva deu vazão a toda essa explosão sedimentada em mim.

Agradeço aos membros da banca, Carolina Oukawa e Pedro Britto, por todas as contribuições assertivas e por me incentivarem a criar (e sonhar).

Agradeço a Gilmar Filho por estar ao meu lado apesar das idas e vindas da vida, pelo seu olhar atento e sensível que neste trabalho foram cruciais na ilustração das minhas ideias e deu potência a esta explosão.

Agradeço as *monstrinhas*, Camila Andrade, Gabriela de Morais e João Victor Nunes, aqueles que tornaram possível a finalização dessa graduação. A Camila por desmistificar a escrita para mim, validar minha preocupação minuciosa com as palavras e pelo seu trabalho *Fragmentos Extraordinários da Cidade* que trouxe novas perspectiva sobre esse momento de conclusão e me incentivou a ser *eu* neste trabalho. A Gabriela por ter sempre estado comigo ao longo desses anos desafiadores, me mostrando que as coisas são mais simples do que parecem e ser esse exemplo de resiliência e força. A João, com quem dividi a vida cotidianamente por dois anos inesquecíveis, que, com sua escuta atenta, acompanhou todas as explosões que culminaram neste trabalho e acreditou nele quando nem mesmo eu o compreendia.

Agradeço a Elaine Caroline pelos cafés da manhã compartilhados, pelas conversas intermináveis e por todas as contribuições na conclusão deste trabalho. A Daniel Barcelos por ter sido minha dupla incansável de projeto e por todas as noites em claro. Agradeço também a todos os amigos que João Pessoa me trouxe, Dayane Melo, Flora Valverde, Janaína Ferraz, Lara Siqueira, Larissa Goes, Maurício Vieira, Sophia Costa e Yan Fábio.

Agradeço aqueles que deixei quando desembarquei na Paraíba em busca do meu sonho, meus avós, tios, primos e amigos, em especial aqueles com os quais cresci e carrego comigo até hoje, Ana Clara, Evellyn, Helene, Júlia, Maryelce, Mauro, Suellen, Vitória e Tatiane.

Agradeço a minha família, por serem esse poço inesgotável de amor e suporte, sem vocês eu não estaria aqui. Agradeço ao meu pai Raphael, quem percebo diariamente que as semelhanças vão muito além do nome compartilhado, por ter cultivado aquilo que tenho de mais bonito, a empatia e o cuidado com o *outro*. A minha mãe Elaine, de quem herdei a *cabeça dura,* pelo cuidado integral, mesmo estando à centenas de quilômetros de distância, pelo amor sem fim e inexplicavél, muitas vezes incontrolável. A minha irmã Ana Luisa, que me permitiu experimentar o mais singelo e verdadeiro amor, o amor de irmão mais velho. E, por fim, a minha irmã Isadora (*in memoriam*), aquela não tive a oportunidade de abraçar e pegar no colo, mas que sei que, de onde quer que esteja, ilumina minha vida.

Enfim, neste trabalho tem mais de vocês aqui do que de mim, obrigado a todos por preencherem os *meus* vazios.

sumário

a partida	8
vazio-cheio	10
explorações espaciais	18
laboratório	26
ensaios	34
bibliografia	88

a partida

O interesse por vazios urbanos surgiu durante uma aula da disciplina de Urbanismo I onde, enquanto assistia um seminário sobre a temática e escutava meus colegas discorrendo sobre as características, tipologias e impactos que a presença desses espaços geram no meio urbano, refletia sobre uma imagem específica, das diversas que foram exibidas ao longo da apresentação. Nela encontrava-se um sobrado histórico, de esquina, abandonado. Pouco me recordo de suas características, mas lembro-me da pintura gasta e da vegetação que crescia pelas esquadrias. Aquela imagem fora usada para exemplificar um dos tipos de "vazios" e, de alguma forma, algo me gerou um incômodo — até certo ponto, uma revolta — *como é possível chamá-lo de vazio sendo tão cheio?*

Se olho sob a ótica do uso em si, compreendo a utilização do termo porque falta algo, falta vida* ali (dentro), enquanto a cidade (fora) é tão cheia de vida. É tanta vida que, muitas vezes, nem nela cabe. Mas isso não me é suficiente, escolho olhar para esses espaços com uma visão mais otimista, enxergá-los como cheios.

Quando falo de cheio não me restrinjo apenas à matéria, seja ela a alvenaria das paredes, o chão de cimento queimado ou o madeiramento de algo que um dia já foi uma coberta. Aludo, também, ao cheio de algo não exposto, que não pode ser visto ou tocado, mas que é sentido — pelo menos por mim. Me refiro ao cheio de possibilidades, ao universo de coisas que cabem ali, universo esse que existe apenas no campo das (*minhas)* ideias.

Desde então, nutro um certo fascínio pelo vazio-cheio. Acho que, de certa forma, enxergo ali um pouco de mim. A partir disso, surge a vontade de preencher esse espaço de cidade, vontade esta que é o fio condutor deste trabalho, uma busca incessante de preencher (-*se*).

* Aqui me refiro exclusivamente aos vazios abandonados e não-habitados, sem nenhum tipo de ocupação, seja ela formal ou não.

Discussões sobre vazios urbanos nas cidades contemporâneas, especialmente quando inseridos em uma malha urbana consolidada, são complexas quanto à compreensão do termo comumente empregado, que remete, à priori, a uma ideia espacial de vazio – inexistência de qualquer coisa para além da terra, que traz consigo o esvaziamento de uma matéria que outrora tivera sua importância, mas que hoje perdeu-se no tempo.

Na literatura, observa-se uma multiplicidade de termos e conceitos associados à temática dos vazios urbanos. Portas[1] relaciona essa divergência com a ambiguidade trazida pela expressão, que possibilita a existência de diferentes conotações no meio urbano e possui sinônimos e aplicações variadas. Clemente[2] utiliza o termo *vazio urbano* para referir-se a lotes ou edifícios não concebidos como espaços livres públicos, que estejam inseridos em uma área urbana e não apresentem ocupação e/ou uso, e que, apesar de possuir uma "conotação negativa" quando analisado no meio intraurbano, abre margem para uma possibilidade de transformação futura.

Clichevsky[3] apresenta uma leitura radicalizada com relação à temática, enfatizando que vazios urbanos são terrenos e edificações à espera de demolição. Vai de encontro à visão de Portas, que traz um olhar mais promissor em relação a esses espaços, defendendo que essa terra não está necessariamente vazia e pode apresentar potencialidade de reutilização para outras finalidades, embora esteja desvalorizada.

Contudo, apesar de constantemente associados à ideia de improdutividade, seria injusto analisar esses espaços com um olhar simplificado. A complexidade da temática requer uma percepção sensível para compreensão do fenômeno

1. PORTAS, Nune. Do vazio ao cheio.
2. CLEMENTE, Juliana Carvalho. Vazios urbanos e imóveis subutilizados no Centro Histórico tombado da cidade de João Pessoa – PB.
3. CLICHEVSKY, Nora. Vazios urbanos nas cidades latino-americanas.

{01}

e suas implicações no meio urbano, que vá além de uma leitura superficial.

A palavra *improdutividade* é definida como característica ou propriedade de não produzir. Os vazios urbanos, apesar de estarem em desuso quando analisados a partir de uma lógica funcional, não são improdutivos. Afinal, eles produzem micro e macro ecossistemas de vida não-humana, produzem mais-valia — com o acúmulo de capital e a especulação imobiliária — e produzem arruinamento, visto que, como afirma Clichevsky[3], o vazio urbano assume o papel de agente produtor de novos vazios urbanos, culminando no processo de arruinamento e degradação da área imediata. O que acontece, na verdade, é uma desprodução, quando analisado a partir da perspectiva social — mas, apesar de negativa, é inegável que há de fato produção.

Neste trabalho, o termo *vazio urbano* refere-se a espaços localizados em áreas providas de infraestrutura que não exercem plenamente sua função social, entendendo que não existe uma relação direta com a ocupação, podendo estes serem edificados ou não.

No que diz respeito ao cumprimento da função social de um imóvel, está previsto nos artigos 182 e 183 da Constituição Federal[4] que o proprietário da terra tem o direito pleno de gozar, usar e dispor de sua propriedade, e o dever de atender às necessidades da sociedade, certificando o bem-estar e a segurança daquela terra. Apesar de ser uma propriedade privada, o lote está localizado em um espaço provido de infraestrutura pública, reforçando a necessidade do exercício da função social da terra. [5]

4. BRASIL. Constituição [da] Republica Federativa do Brasil.
5. BORDE, A.P.L. Vazios Urbanos: perspectivas contemporâneas.

A recorrência desses espaços é tamanha que a percepção de vazio expandiu-se para a área, o centro está vazio — mesmo tendo muito.[6]

6. Trecho de um relato pessoal escrito no canto de um papel qualquer, após uma das diversas imersões no centro de João Pessoa.

A região central de João Pessoa, apesar de atualmente marcada pela negligência pública, outrora fora o berço da cidade, onde concentraram-se os investimentos e o interesse mercadológico. Contudo, com as ações de expansão urbana a partir da segunda metade do século XX, é observada uma relação diretamente proporcional com o processo de deterioração da área, e consequentemente com o surgimento de vazios urbanos, marcados pelas mudanças e/ou migrações do perfil de uso na região central para subcentros que surgiram na malha urbana da cidade, como afirmam Andrade, Ribeiro e Silveira. [7]

Esse processo de expansão urbana da cidade contribuiu com a reincidência da obsolescência na área central. A partir do surgimento e consolidação de outras centralidades — evidenciado na busca pelo mar, com o surgimento da Avenida Presidente Epitácio Pessoa no sentido leste[8], e o desenvolvimento dos programas habitacionais da política do BNH, que contribuíram para a ocupação da zona sul pessoense[9] — é visível a gradual perda de protagonismo do núcleo inicial de formação da cidade com relação à dinâmica urbana, tendo como consequência o seu esvaziamento.[10]

Apesar de insuficientes, são notadas algumas movimentações da esfera pública com relação a uma tentativa de reestruturação da área central de João Pessoa, a partir de um direcionamento de investimentos para a restauração e requalificação de casarões e edificações históricas e a criação de alguns polos musicais e artísticos. Contudo, essas ações ocorrem de forma pontual e desordenada, carecendo de um planejamento integrativo entre as partes e resultando em pontos atrativos isolados e fadados ao abandono.

7. ANDRADE, Paulo; RIBEIRO, Edson; SILVEIRA, José Augusto. Centralidade urbana na cidade de João Pessoa - PB: uma análise dos usos comerciais e de serviços entre o centro tradicional e o centro seletivo – 1970/ 2006.
8. TINEM, N. Fronteiras, marcos e sinais: Leituras das Ruas de João Pessoa.
9. OLIVEIRA, Matheus; SILVA, Juliana. Um olhar geográfico sobre a história de João Pessoa.
10. SILVA, Y. HABITANDO O VAZIO:Um ensaio de ressignificação das vacâncias urbanas na poligonal de tombamento do IPHAN em João Pessoa.

Com estas constatações, o presente trabalho parte da definição de *vazios urbanos* de Portas, buscando refletir sobre esses espaços, seus contextos e potencialidades, reforçando a necessidade de uma mudança de narrativa quanto ao caráter negativo a eles associada.

Além disso, justifica-se a relevância da intervenção em razão de ser uma oportunidade de reestruturação da área de maneira sustentável e coordenada, pautada em uma reutilização adaptativa de edifícios abandonados e estabelecendo uma lógica sistemática entre eles. Há, ainda, um empenho em resgatar o protagonismo da região frente às dinâmicas da cidade. Se propondo a pensar como estes vazios podem ser ressignificados sem que haja perda na carga histórica que carregam, respeitando a constituição urbana própria do centro e, ainda sim, experimentando novas formas de ação que extrapolem os limites dos lotes e dêem vazão a toda a potencialidade contida naqueles espaços – sedimentada com o tempo sem ação.

{02}

exploração espacial

A ideia partiu da leitura do livro *São Paulo, razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes*, de Angelo Bucci, em que o autor discute sobre os limites entre dentro e fora, as relações entre cidade e edifício e apresenta mecanismos que possibilitam esse atravessar de paredes, estreitando a relação interior x exterior e enxergando uma relação interdependente entre diferentes edifícios.

> *O edifício desfeito, que corresponde ao edifício de funções explodidas, disperso em vários edifícios ou, melhor dizendo, edifícios desfeitos para construírem cidades.*[11]

Em *Investigations in Collective Form*, Fumihiko Maki discute sobre o desenho das cidades e busca compreender a natureza da Forma Coletiva, forma esta que ele define como um grupo de edifícios e quase-edifícios que compõem a cidade, trazendo à tona o caráter de interdependência entre as partes que compõem o todo. O autor aponta que as cidades modernas – apesar de referir-se às cidades japonesas da década de 60, é possível estabelecer correlações formais com as cidades contemporâneas – tendem a ser visualmente e fisicamente confusas: elas são padrões monótonos de elementos estáticos. Percebe-se uma preocupação da relação entre o edifício e a cidade, mas não existe uma articulação entre os edifícios, suas funções e a forma como a movimentação dos usuários influencia na dinâmica urbana.

> *A forma coletiva é, no entanto, uma coleção não de edifícios não relacionados e separados, mas de edifícios que têm razões para estarem juntos.* [12]

Maki apresenta três abordagens no processo do desenho urbano: formação compositiva, megaformação e formação grupal. Na primeira, os elementos que compõem a forma são concebidos e determinados separadamente, onde distintas arquiteturas compõem um conjunto e criam os espaços urbanos,

11. BUCCI, Angelo. São Paulo, razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes.

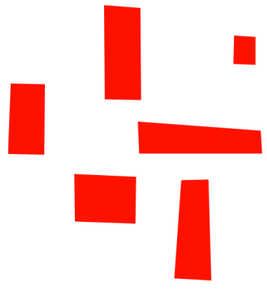
12. MAKI, F. Investigations in collective form.

como é observado no projeto de Lúcio Costa para a capital brasileira em 1957.

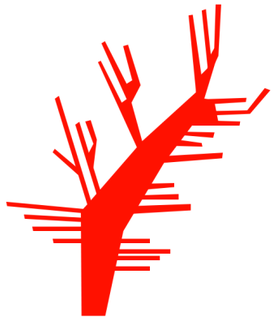
A megaformação — ou megaestruturação —, consiste em uma estrutura central que constitui o corpo de uma cidade. O autor define como “uma grande estrutura, a qual comporta todas as funções de uma cidade, ou parte dela [...] é uma característica artificial da paisagem.”. O plano da Baía de Tóquio de Kenzo Tange é uma experiência pautada nessa lógica formal. O arquiteto acreditava que a comunicação e a mobilidade seriam fatores determinantes no futuro das cidades, definindo então um eixo central e norteador, composto por rodovias e uma rede fixa de metrôs, onde a população influenciasse e moldasse a disposição das habitações e dos serviços necessários à cidade, estabelecendo uma rede de conexões interligadas, projetadas para se expandirem pela baía. Apesar de ordenado, não seria um sistema rígido, mas sim uma grande forma que permitia a evolução da cidade e de seus componentes, almejando o equilíbrio, respeitando a consistência visual de sua composição e de seu arranjo contínuo a longo prazo.

Na formação grupal, Maki almeja uma sistemática urbana mais flexível e responsiva às condições mutáveis da sociedade, permitindo que o conjunto cresça e se renove sem afetar o todo, onde as partes anexas estão em um equilíbrio dinâmico e a ênfase do planejamento deixa de se restringir a uma estrutura física e passa a ser pautada em uma percepção ordenada a partir da evolução da cidade. O autor busca inspirações nas cidades medievais europeias, nas cidades das ilhas gregas e nos vilarejos do norte africano. Um grande exemplo é a cidade da Capadócia, onde a totalidade da forma é compreendida a partir do somatório de todas as partes. Maki conclui que essas três abordagens podem se interrelacionar na prática, combinando suas características e seus conceitos a fim de dar luz a proposições formais ainda mais complexas.

formação compositiva



megaformação



formação grupal

{03}

{04}

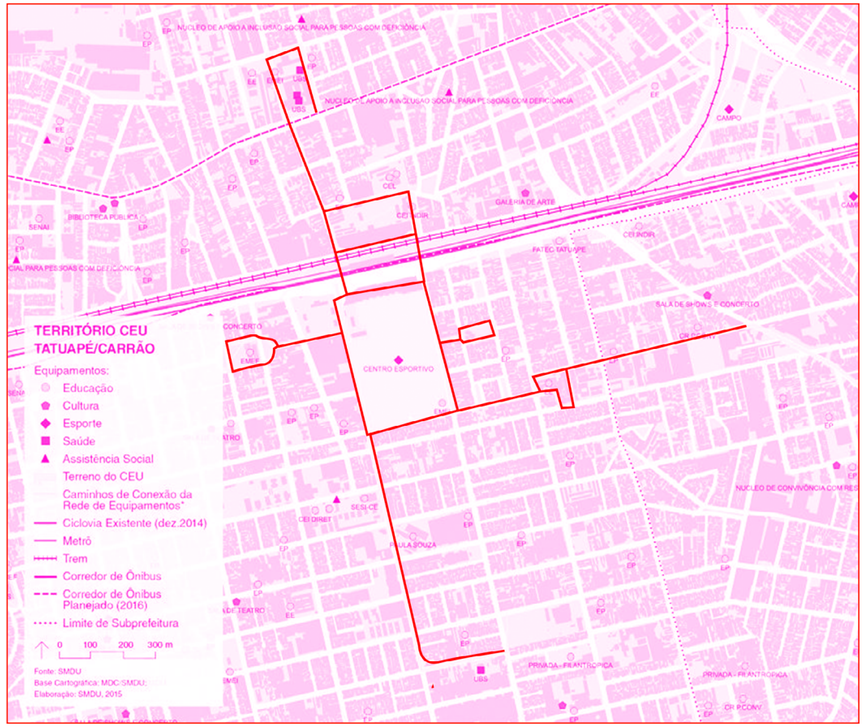
Os edifícios, por sua vez, dissolvidos no ambiente da cidade, tendem a se afastar da noção de forma em si - como forma fechada - para ganharem sentido no conjunto - onde cada um deles participa de forma aberta. [13]

A partir da investigação de formação coletiva desenvolvidas por Maki e das proposições de Angelo, as contribuições dos dois autores são ponto de partida para as proposições espaciais que serão ensaiadas. O objetivo é que as atividades que serão propostas não se restrinjam aos lotes, estabelecendo uma relação de complementariedade entre as partes. A vivência de uma única função não será completa em si – é preciso se deslocar por entre os pedaços para a compreensão total do conjunto, em uma tentativa de superar a lógica fragmentada e autocentrada existente na região central, em que as intervenções desarticuladas se mostram inoperantes.

Uma lógica espacial semelhante é observada nos projetos do programa Território CEU, desenvolvidos pela Prefeitura Municipal de São Paulo, que se utilizam da fragmentação do programa operando sistematicamente estruturas culturais e educacionais existentes nos bairros. Essa flexibilização na organização espacial do edifício possibilita uma maior pluralidade de atividades conectadas pelo espaço urbano.

Os alunos das escolas municipais vinculadas ao Território CEU se beneficiam da descentralização do programa, já que ela permite que utilizem das outras estruturas do bairro nos períodos de contraturno escolar. A educação passa a acontecer para além dos muros da escola e a rua torna-se espaço frequentado pelos alunos, não apenas nos momentos de descontração, mas durante o turno escolar.

13. BUCCI, Angelo. São Paulo, razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes.



{05}

A dissolução do conjunto aqui proposto se dá pela descentralização funcional: a cidade o amarra – na mesma medida em que dá vazão a ele. É através dela que os sujeitos se deslocam entre suas partes, estabelecendo um sistema de intervenções conectadas não apenas pelo passeio público e pelo deslocamento dos sujeitos daqueles espaços, mas também pelos percursos de quem por ali passa, abraçando a imprevisibilidade inerente à experiência urbana, apropriando-se do acaso e da possibilidade do surgimento de novas necessidades, antes não imaginadas, a partir dos encontros – e desencontros.

No que diz respeito a essa tentativa de dissolver os limites do espaço, o Teatro Oficina, obra de Lina Bo Bardi e Edson Elito, traduz uma das operações estabelecidas por Angelo e que será adotada nos ensaios que posteriormente serão apresentados: o infiltrar. O projeto é organizado a partir de um eixo central, que muito se assemelha a uma rua, onde encontra-se uma passarela de madeira que liga a entrada aos fundos da edificação, marcando o eixo do espetáculo. Sua organização espacial demonstra, também, uma busca de aproximação entre arquitetura (dentro) e território (fora), de modo que a rua parece invadir o espaço cênico.

O espetáculo não é restrito espacialmente à passarela central; ele pode diluir-se pelo espaço livremente e, até mesmo, acontecer em outros níveis. A organização espacial busca resgatar o papel do homem com relação ao espaço, causando uma certa inquietude no espectador, fazendo-o buscar novos pontos de vista ao espetáculo sob diferentes níveis e percursos, desfragmentando os limites entre o palco e a plateia. O espaço idealizado por Lina busca quebrar a lógica comum ao espetáculo e à arquitetura, possibilitando que o espectador conceba sua própria narrativa, assumindo, de certa forma, um papel de ator na expressão teatral.

Por fim, a ideia é que o conjunto aqui ensaiado não esteja restrito aos vazios escolhidos; ele é compreendido como um organismo vivo que crescerá, compreendendo a morfologia do centro e se apropriando dos espaços disponíveis que substanciem as proposições aqui estabelecidas.

{06}

laboratório

A ideia de laboratório surgiu durante uma conversa com a professora Wylnna Vidal, em que eu buscava justificar o porquê de a intervenção ser localizada no centro de João Pessoa. Àquela altura, o vazio urbano já estava definido como objeto do trabalho. Não somente ele, mas também a busca por uma proposição espacial que não se restringisse aos limites do lote, e que, ainda, estreitasse essa comunicação entre edifício e cidade.

> *não estou em busca de um produto específico ou de solucionar as problemáticas do centro com minhas proposições, talvez o resultado dessas indagações sugira caminhos para proposições reais. nesse momento escolho me agarrar à fantasia, à experimentação, estou em um laboratório.*[14]

Foi então que o Centro de João Pessoa passou a ser compreendido como um laboratório, mais especificamente os seus vazios. A intenção é que as proposições espaciais aqui apresentadas não estejam unicamente restritas àquele espaço físico e suas limitações, mas que, de certa forma, por se tratar de um trabalho acadêmico, se permitisse extrapolar os limites da realidade a fim de gerar discussões e reflexões sobre as relações dentro x fora.

Após incontáveis caminhadas, em uma tentativa de definir um local para intervenção, escolhi a Rua Duque de Caxias, parte constituinte da antiga Cidade Alta de João Pessoa[15], como palco e ponto inicial da dissolução. À medida que as experimentações foram avançando, as intervenções não se restringiram a essa rua, expandiram-se para as ruas Visconde de Pelotas e General Osório — nas imediações do trecho entre a Praça Rio Branco e o Centro Cultural São Francisco.

Inicialmente, a escolha apresentou-se demasiadamente deliberada, sem uma justificativa fundamentada, mas,

14. Trecho de um relato pessoal durante o processo de desenvolvimento do trabalho.

15. TINEM, N. Fronteiras, marcos e sinais: Leituras das Ruas de João Pessoa.

{07}

{08}

conforme eu me aprofundava sobre o local e buscava compreender as razões que me levaram àquela definição, observei alguns pontos que, de certa forma, pareciam contribuir com as minhas futuras proposições.

O primeiro ponto é a recorrência dos vazios. Eles se fazem significativamente mais presentes nas imediações do Centro Cultural São Francisco, onde os sentimentos de vazio e abandono são mais intensos. Contudo, à medida que se aproxima da Praça Rio Branco e do Ponto de Cem Reis, os vazios vão sendo menos percebidos e dão lugar a uma vitalidade sutil, atestada pela presença de cor, cheiros, sons e pessoas.

O percurso iniciou no lote mais ao norte, próximo à Praça Dom Adauto. À medida que seguíamos para o sul, na direção do Ponto de Cem Réis, tornava-se mais perceptível um aumento gradual de vida. Nas imediações do centro Cultural S. Francisco o sentimento de vazio se fazia mais presente.[16]

O desenho das ruas foi outro ponto relevante percebido; elas possuem entre 12 e 16 metros de largura, constituindo uma escala mais humana, que acaba proporcionando certa aproximação entre edifício e a rua – relação reforçada pelo gabarito das edificações do trecho, majoritariamente térreas. Além disso, as interfaces das edificações e a implantação delas estreitam as relações entre dentro e fora, visto que as fachadas possuem portas e janelas com acesso direto à rua.

As interfaces das edificações com acesso imediato para rua estreita – apesar das grades – é só esticar um pouco a mão que você toca dentro.[17]

É fundamental ressaltar, também, a pluralidade quanto às configurações desses espaços que se encontram em

16 e 17. Trechos de um relato após deriva no centro de João Pessoa, em 21 de outubro de 2023.

estados de conservação diferentes, alguns no início do processo de arruinamento e outros em completa ruína. Essa multiplicidade requer abordagens diferentes no que diz respeito ao diálogo entre o novo e o existente, que acaba trazendo uma maior diversidade às propostas.

Ao longo do processo, houve um amadurecimento significativo da (minha) percepção sobre cultura — e sobre os espaços de cultura. Inicialmente, era, de certa forma, restrita à ideia de produção artística e reverberava-se sobre o projeto, que muito se assemelhava a um edifício cultural clássico programaticamente explodido no centro.

Contudo, após diversas visitas e derivas, procurando identificar os usuários, as atividades, os objetos, os sons e as cores que constituem a cultura do centro de João Pessoa — ali sintetizada pela diversidade de públicos e percursos coexistentes. Considerando os aspectos existentes de ocupação informal e percebendo os sujeitos atuais e o os potenciais públicos culturais, proposições foram ensaiadas. A composição do todo não é mais pautada apenas no programa único, mas pela relação de complementariedade entre as atividades que podem ou não serem associadas sequencialmente.

Por fim, com o objetivo de contribuir para uma manutenção da imagem inerente ao centro, foram definidas seis atividades que serão exploradas em cada pedaço do edifício: comer, morar, pausar, expor, produzir e guardar.

{09}

18. Trecho de um relato após deriva no centro de João Pessoa, em 21 de outubro de 2023.

espetinho na calçada, banco de plástico, sacola e um capacete. “tá procurando ótica?” o menino brincando no chão, a mãe vendendo e outra pedindo um tostão “ei amigão, tá procurando uma ótica?” panfleto, cartão, acho que alguem dormiu sobre aquele papelão e ninguém procurando uma ótica. um constante esforço de levar você à algum lugar, se você buscar aquela ótica [só] jamais encontrará, alguém tem que te guiar até lá. não escutei ninguém cantar, tinha barulho de tudo menos de música. o sabadinho bom ainda não começou, é só lá que pode dançar?[18]

{10}

{12}

{14}

{16}

{11}

{13}

{15}

ensaios

O início do que aqui chamo de *ensaios* foi, de certa forma, doloroso. Na medida em que avançava nas idealizações espaciais e tentava organizar todas essas ideias, me vi percorrendo um caminho que não estava de acordo com as minhas intenções. Eu estava, na verdade, reproduzindo uma sistemática projetual que ao longo da graduação me foi ensinada: tentei estabelecer um programa de necessidades e enxergar as relações entre os ambientes, mas tudo de uma forma bastante rígida; compartimentava ideias e tentava segregar as atividades. Me deparei com um momento em que enxergava cada conjunto de forma isolada, tentando estabelecer atividades e restringi-las a eles, distanciando-me da ideia de desfragmentação de um programa único. Me pareciam seis programas diferentes, não havia unidade.

> *[...] na verdade, é tudo uma coisa, eu fico buscando segregar o os edifícios pelas funções e enxergá-los como únicos, mas não é essa minha intenção, acho que esse é o caminho que estou habituado a seguir. dessa vez eu não quero isso, sinto uma batalha constante entre o — meu — querer e o saber. eu quero fazer uma coisa, mas tendo a fazer do jeito que sei. o que busco aqui é que o programa seja único, que abrigue diversas funções e que se complementem, elas não estão isoladas em si. não é um edifício de moradia, um de artes plásticas, um de artes cênicas, um de gastronomia e etc., é um complexo único que abarca todas essas funções (e muito mais). preciso me permitir andar por onde não conheço.**

É a partir desse lapso de consciência que trago as proposições espaciais a seguir.

*trecho de um texto-desabafo escrito no dia 03 de agosto de 2023 às 21:58, após uma orientação com Dalton.

O projeto aqui ensaiado está contido em seis conjuntos de terrenos não-contíguos – com distâncias caminháveis entre si– , composto por 11 vazios urbanos na região central de João Pessoa.

A função de cada pedaço do conjunto não está restrita aos lotes. As atividades foram desenvolvidas lado a lado, de forma que uma única função não seja completa em si.

Busca-se explorar as relações espaciais de limites e transições do espaço com o passeio público que podem ser construídas – aproximar, cruzar, elevar, invadir, acolher e transpassar – permitidas em decorrência da multiplicidade de situações urbanas identificadas nos lotes - empena cega elevada, lotes estreitos e cumpridos, esquinas urbanas, ocupação horizontal e terrenos geminados.

Os conjuntos 2, 3, 4 e 5 encontram-se em um estado de arruinamento muito avançado, sem resquícios de cobertura, com poucas paredes internas e com as fachadas desgastadas – apesar de algumas alterações, ainda é póssivel uma compreensão da linguagem original. Diferentes dos outros conjuntos, o 1 e o 6 tiveram tiveram suas fachadas e seu interior brutalmente alterados.

A intervenção buscou preservar as vedações ainda existentes, com a remoção do reboco e tratamento da estrutura, valorizando suas características originais e associando-as à utilização de materiais contemporâneos. A materialidade do edifício reforça a ideia de unidade; o concreto, o aço e a madeira foram aplicados em todos os projetos e adaptados a cada uma das situações.

Os componentes reversíveis, de aço e de madeira, permitem uma maior possibilidade de adaptação da estrutura a partir de novas necessidades.

{17}

{18}

1. restaurante popular **2.** jardim **3.** habitação social **4.** ateliê **5.** palco **6.** apoio comerciante ambulante

A totalidade é experienciada a partir da vivência do sujeito e seu deslocamento entre as partes do projeto. Esse ir e vir possibilita a existência de diferentes combinações e composições, sem que haja a necessidade de vivenciar todas as partes para compor o todo.

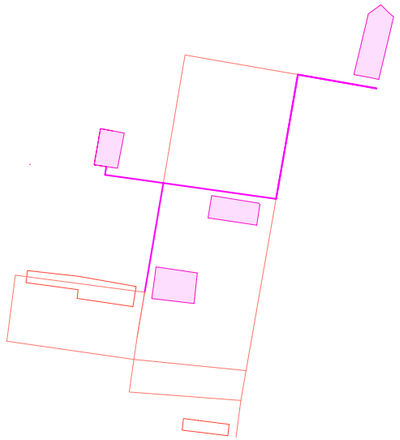
A sobreposição dos diferentes percursos programáticos eletivos que variam de acordo com o cotidiano cultural de cada sujeito explodem o edifício, da mesma forma que trazem a unidade ao conjunto.

Ariel, 19 anos, artista ceramista residente da ***habitação compartilhada***, pela manhã ministra aulas no ***ateliê***. Depois de horas de trabalho, almoça no ***restaurante*** e, na volta para o estúdio onde irá finalizar uma obra que vem trabalhando há um tempo, decide passear pelo ***jardim*** e deitadar na sombra de uma árvore para descansar. No fim do dia, retorna à sua casa.

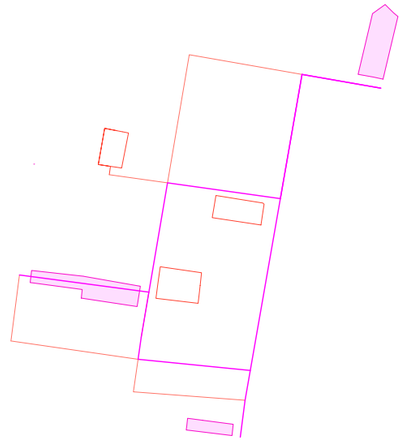
Verônica, 37 anos, vendedora ambulante, chega pela manhã no ***apoio***, pega sua banca e os cajus armazenados e segue para o Ponto de Cem Réis. Na hora do almoço, espera Fátima, sua vizinha de banca, trazer uma marmita do ***restaurante***. No fim do dia, depois de guardar seu material de trabalho no ***apoio,*** decide prestigiar sua amiga que se apresentará com seu grupo de teatro no ***palco***.

Márcio, 42 anos, trabalha como vendedor em uma loja na Rua Visconde de Pelotas. No intervalo do almoço vai ao ***restaurante,*** enquanto faz sua refeição, escuta uma mulher na mesa ao lado comentando sobre uma oficina de culinária que acontecerá no dia seguinte no andar de cima, não se contém e pergunta se poderá participar – será que finalmente aquele sonho vai sair da caixa de planos impossíveis?

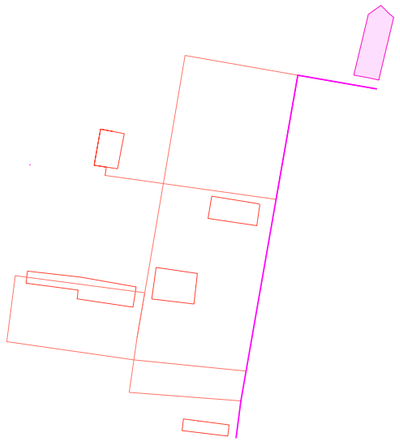
percurso 01
ariel, 19 anos, ceramista



percurso 02
verônica, 37 anos, vendedora ambulante



percurso 03
márcio, 42 anos, vendedor varejista



{19}

1. restaurante popular

{20}

2. jardim

{21}

3. habitação social

{22}

4. ateliê

{23}

{24}

5. palco
(esq. fachada general osório / esq. fachada duque de caxias)

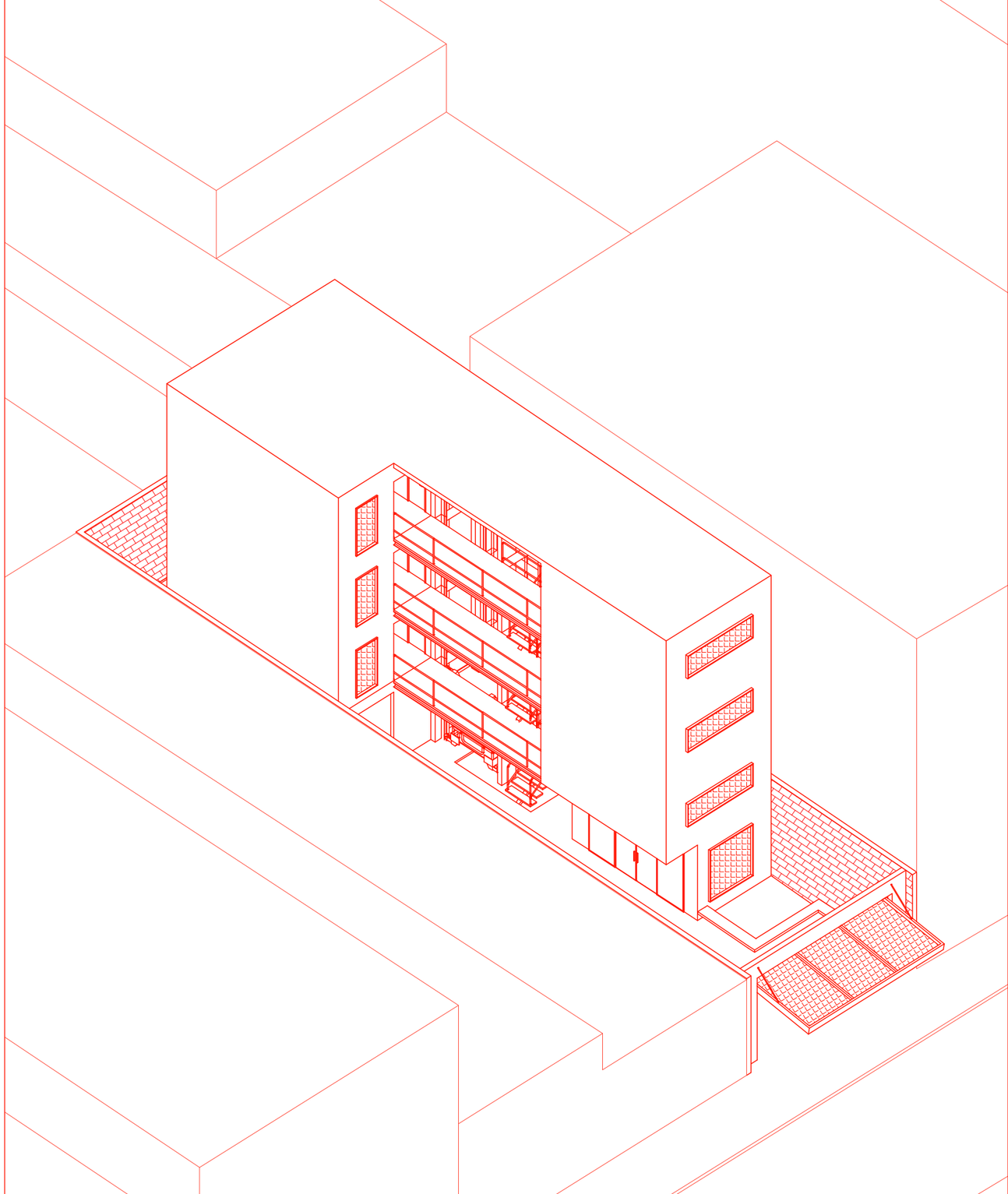
{25}

6. apoio
comerciante ambulante

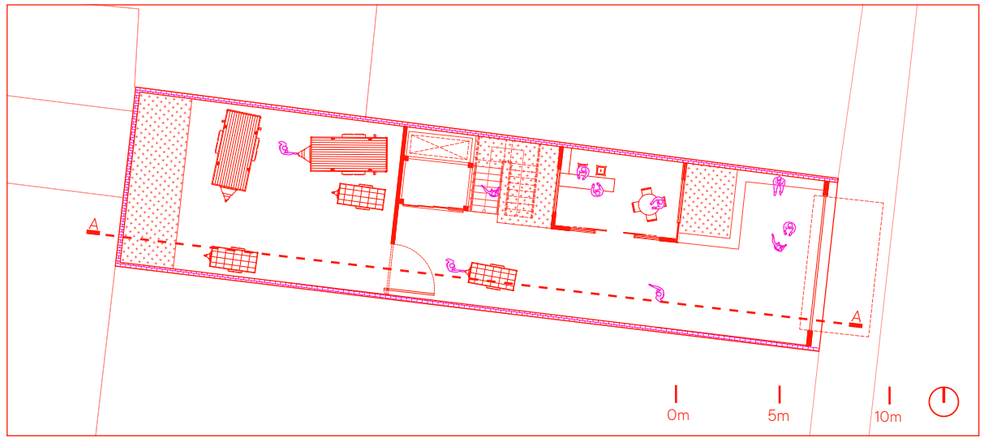
apoio comerciante ambulante

Durante as derivas pelo centro, a presença constante dos comerciantes ambulantes me instigou certa curiosidade e algumas dúvidas surgiram. *Como eles fazem para ir ao banheiro? Onde guardam as coisas? Em casa? Será que moram ali perto?*

Depois de muito observar e supor cenários, conversei com algumas pessoas e as respostas foram das mais variadas: "*Vou no banheiro da loja aqui atrás, é lá que deixo a mesa e as mercadorias antes de ir para casa (no Geisel)", "Faço na rua mesmo", "Ou eu trago comida de casa e como fria ou compro de um rapaz que passa vendendo", "Meu marido vem depois do trabalho com o carro e levo a banca para casa".* Foram esses diálogos e as minhas observações que nortearam a proposição desse pedaço.



planta baixa térreo



planta baixa 1º pav.

planta baixa pav. tipo

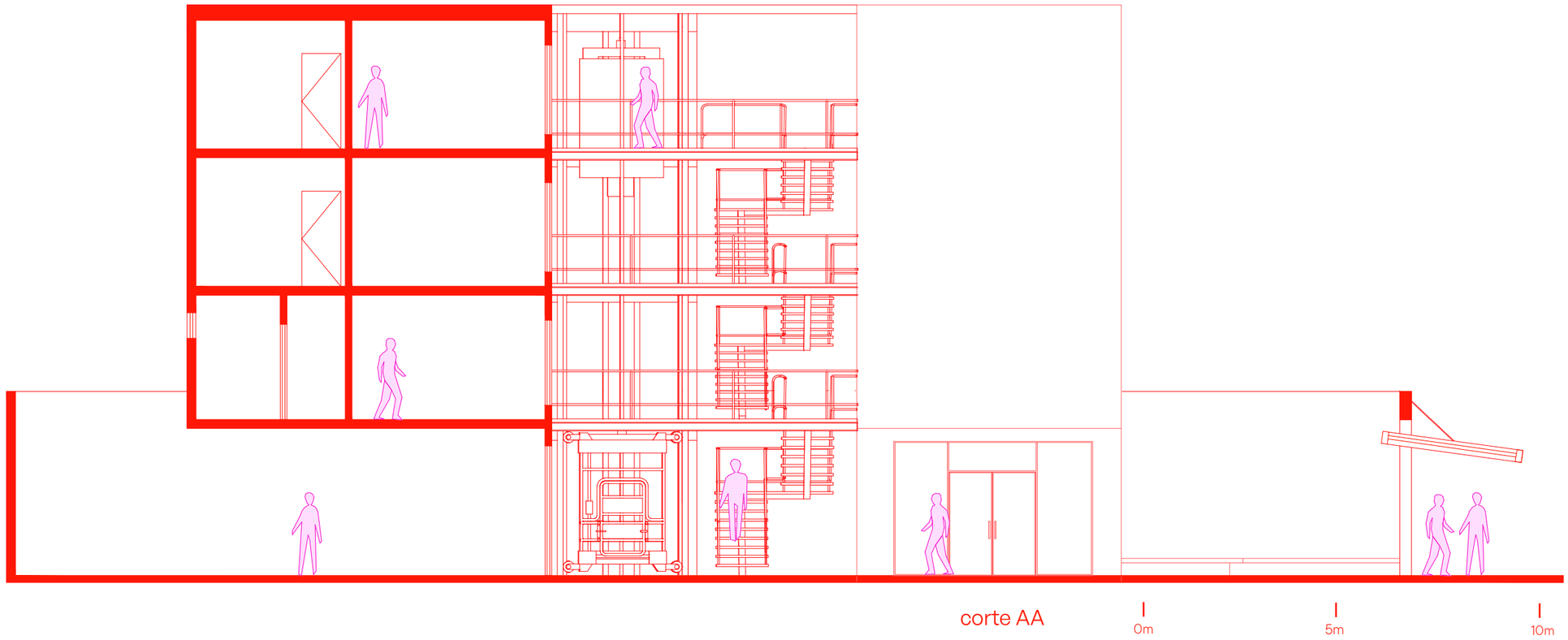
paredes existentes mantidas

paredes propostas

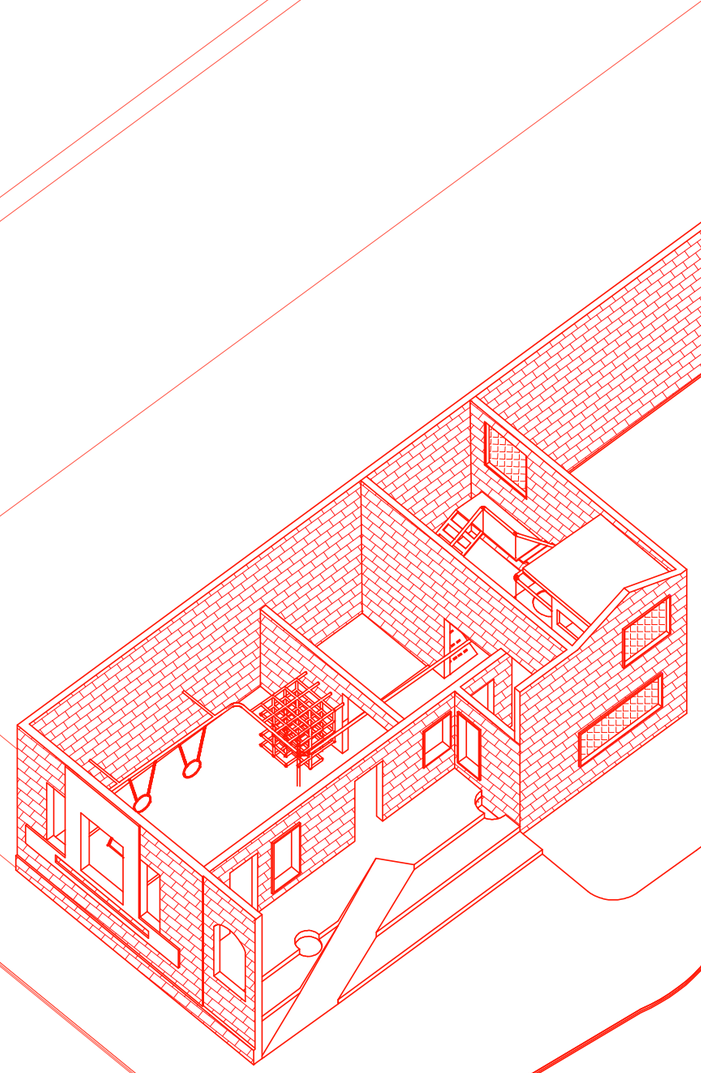
Busquei pensar nesse ponto de assistência como um equipamento que auxilie no cotidiano de quem não possui um espaço próprio para trabalho, com depósito para armazenamento de mercadoria e equipamentos, banheiros e armários.

A empena lateral alta permitiu a exploração de uma verticalidade maior no projeto, que consiste em dois volumes de quatro andares com uma circulação vertical central. É através de um elevador de carga e de uma escada que ocorrem os deslocamentos de mercadorias e pessoas. No térreo, há um espaço que controla o acesso dos indivíduos, e na parte posterior do lote, um estacionamento de equipamentos como carrinhos e bancas. O restante da edificação possui depósitos para os mais diversos tipos de mercadoria, incluindo um espaço refrigerado para os alimentos perecíveis. O banheiro e os armários foram locados no segundo pavimento.

Na fachada frontal, o portão de acesso, quando aberto, avança na rua e cria um espaço coberto. Aqui, o lote invade a rua.

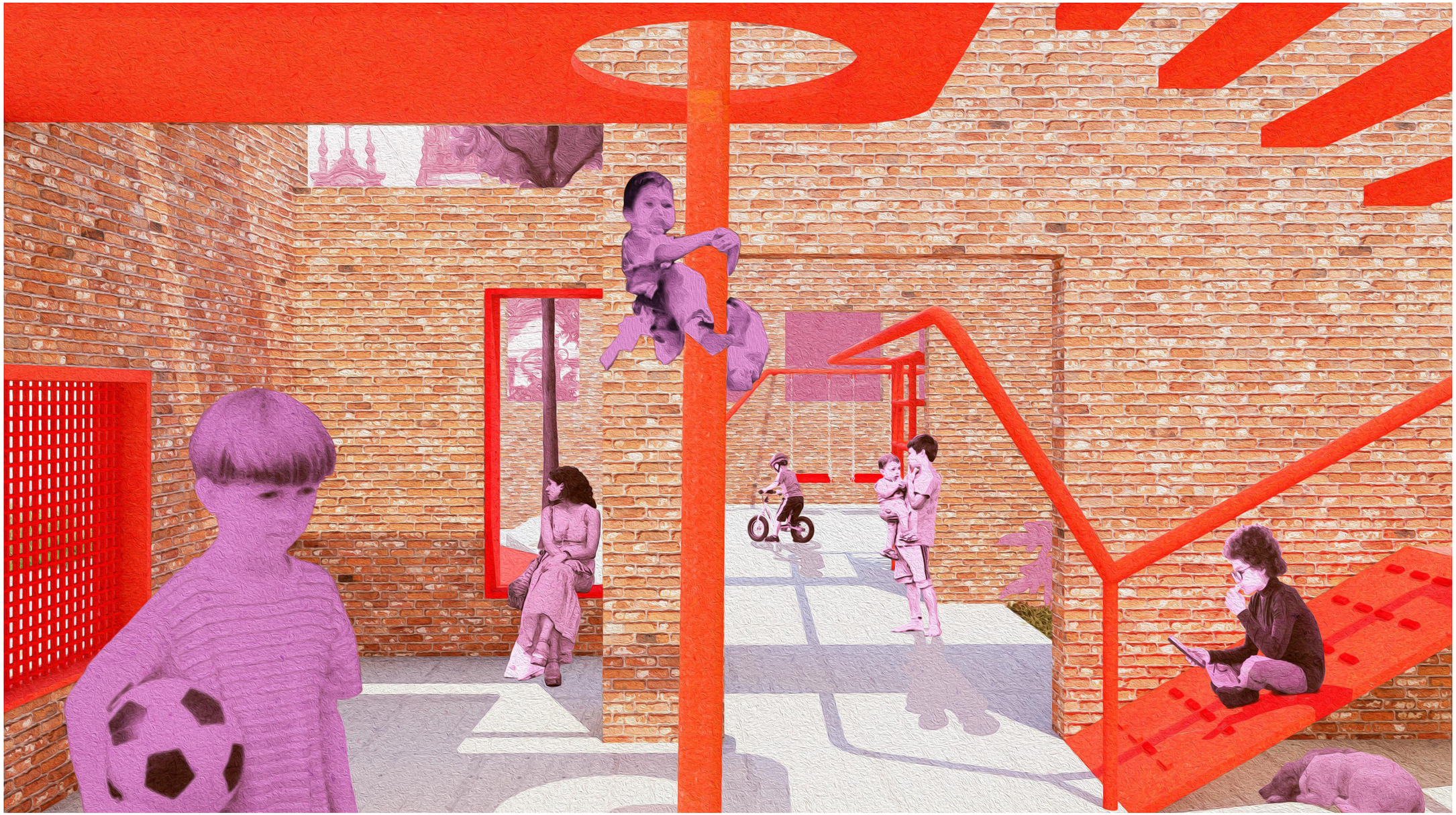

corte AA
0m
5m
10m

jardim



Durante as visitas, em diversos momentos percebi crianças sentadas no chão ou em um banco, quietas, acompanhando seus genitores em um dia de trabalho, pois não tem onde ficar. *Onde essas crianças brincam? Elas brincam?* Passei a buscar lugares que fossem pensados para esse público. Espaços que proporcionassem – no meio daquele caos e agonia – um refúgio para brincar, mas não encontrei nem mesmo um.

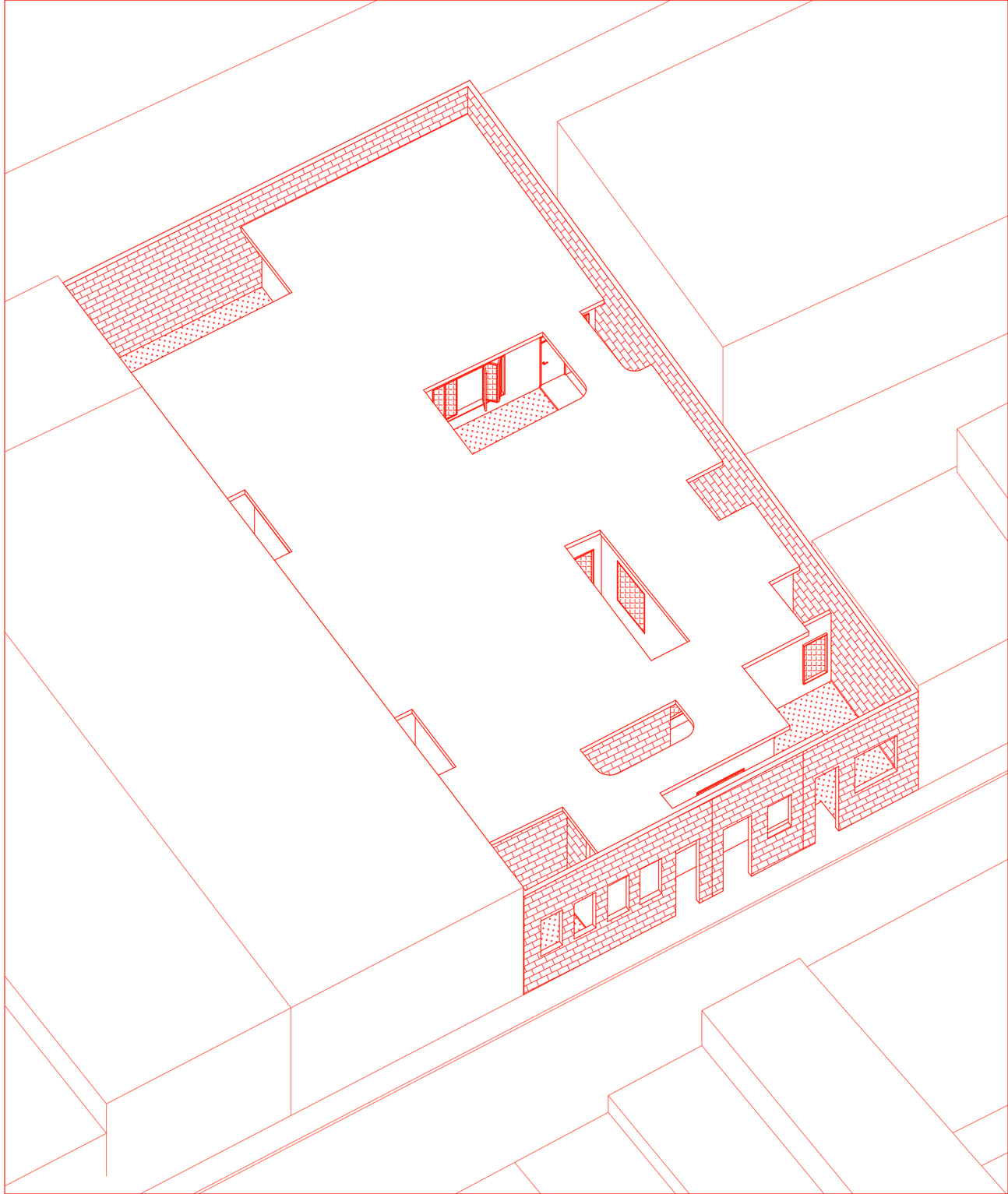
A ruína abandonada na lateral esquerda do lote virou playground, com uma estrutura metálica que passeia e sobe por entre as paredes do que um dia fora uma casa. No restante do terreno, atualmente utilizado como estacionamento, foi idealizado um espaço verde que permitisse que a natureza crescesse de forma espontânea e criasse uma atmosfera reclusa, um jardim meio floresta, que servisse de refúgio para aqueles que querem fugir.

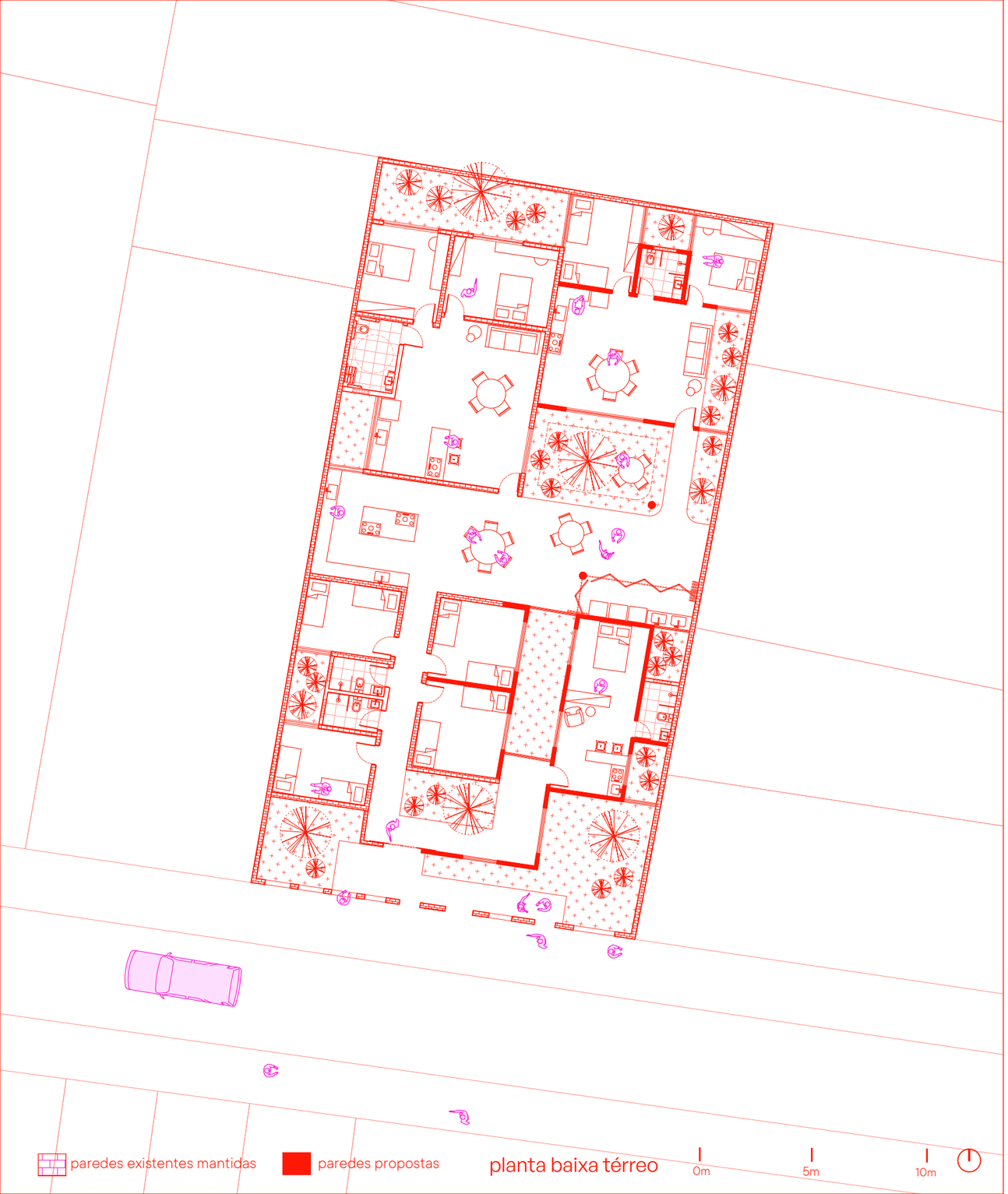


habitação

Enquanto me debruçava sobre o *morar* no centro, estava sempre comigo a idea de *cortiço*, como descrito no romance de Aluisio Azevedo. Deixando de lado a insalubridade e toda a problemática sanitária, busquei reproduzir a coexistência de diversos sujeitos, com realidades e vivências distintas, todos sob o mesmo teto – ou parte dele.

Neste pedaço, buscou-se ensaiar esse habitar/morar múltiplo, se propondo a comportar diferentes configurações familiares – com níveis diferentes de partilha do espaço.

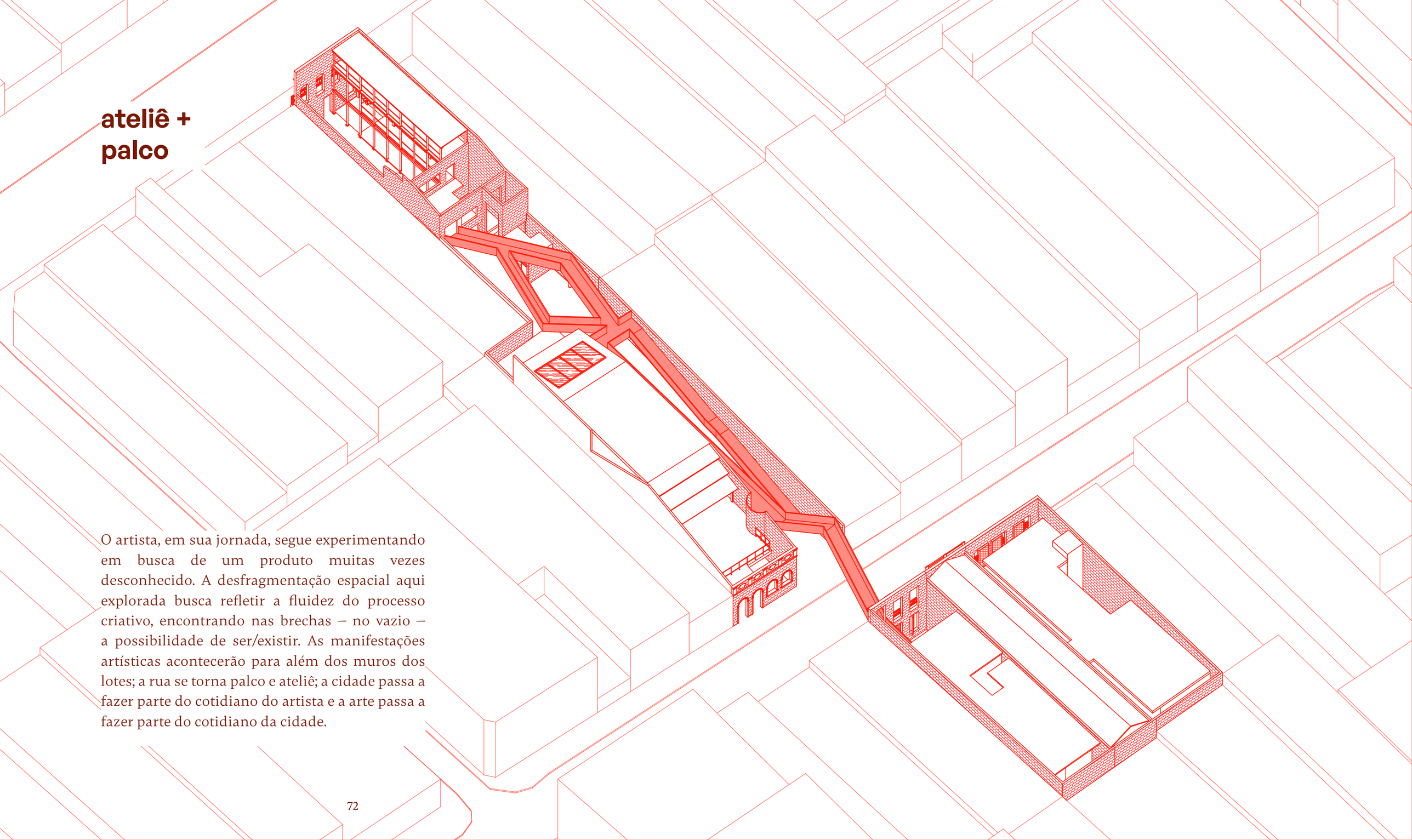




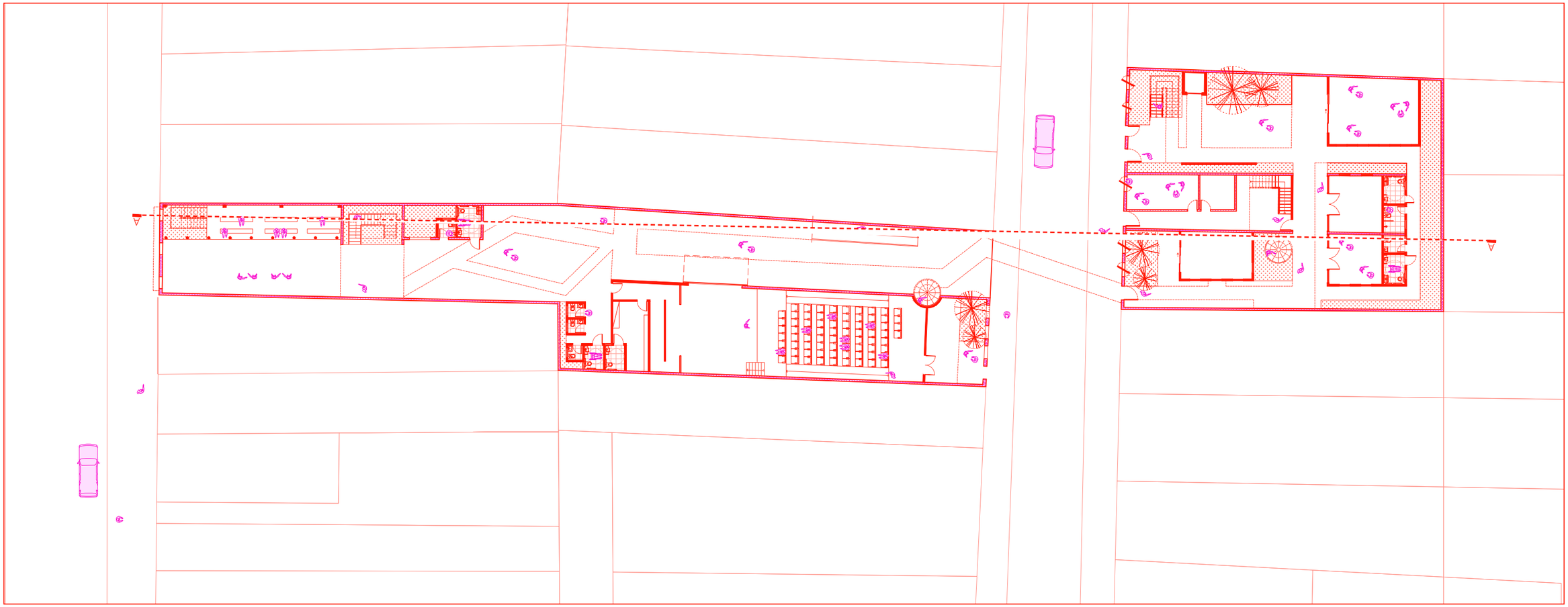
O projeto abarca duas formas de morar: a primeira com uma partilha total – com quartos, cozinhas e banheiros compartilhados – e o segundo, parcial, com quartos, banheiros e cozinhas individuais. Apesar de o segundo permitir uma reclusão íntima, o pátio central comum propicia um momento de troca e coexistência múltipla.

Na interface direta com a rua, foram mantidas as fachadas e as aberturas originais. A interface que restringe o acesso à habitação foi recuada dois metros e meio, proporcionando a criação de um público comum onde a rua transborda para dentro do lote.

ateliê + palco



O artista, em sua jornada, segue experimentando em busca de um produto muitas vezes desconhecido. A desfragmentação espacial aqui explorada busca refletir a fluidez do processo criativo, encontrando nas brechas – no vazio – a possibilidade de ser/existir. As manifestações artísticas acontecerão para além dos muros dos lotes; a rua se torna palco e ateliê; a cidade passa a fazer parte do cotidiano do artista e a arte passa a fazer parte do cotidiano da cidade.

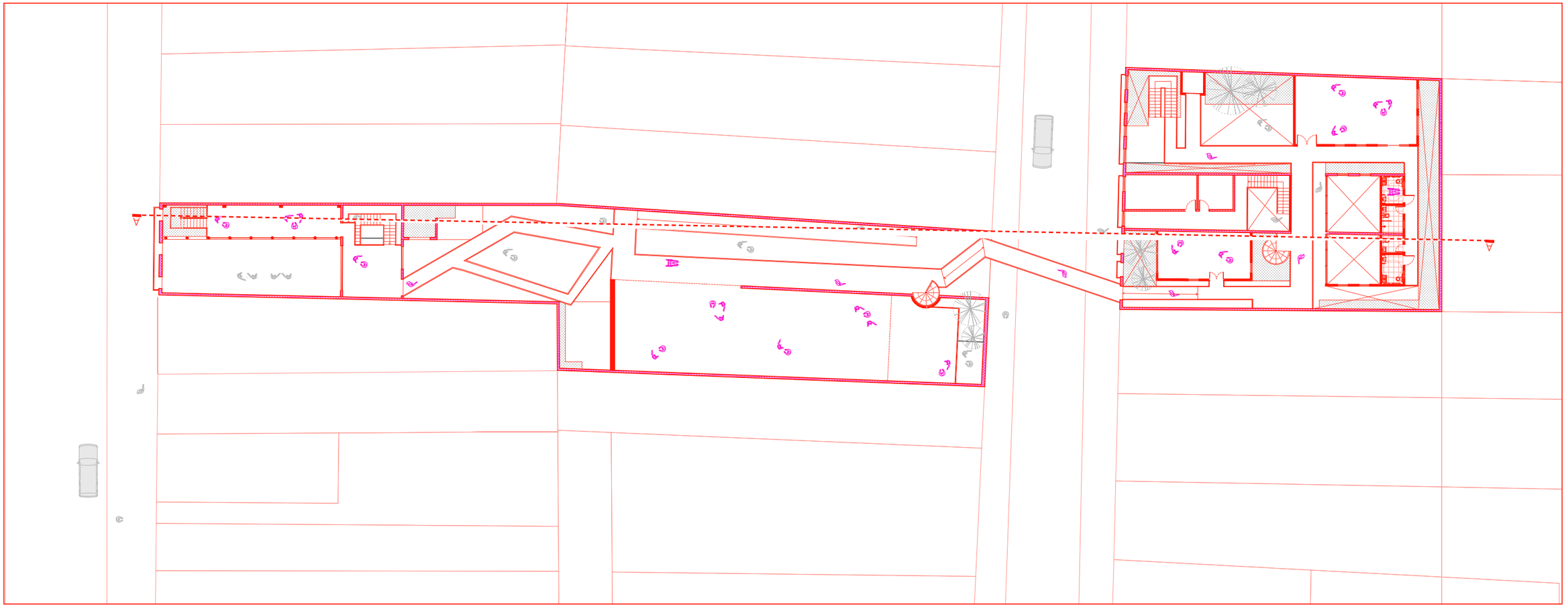


planta baixa térreo

0m 5m 10m

paredes existentes mantidas

paredes propostas



planta baixa 1º pav.

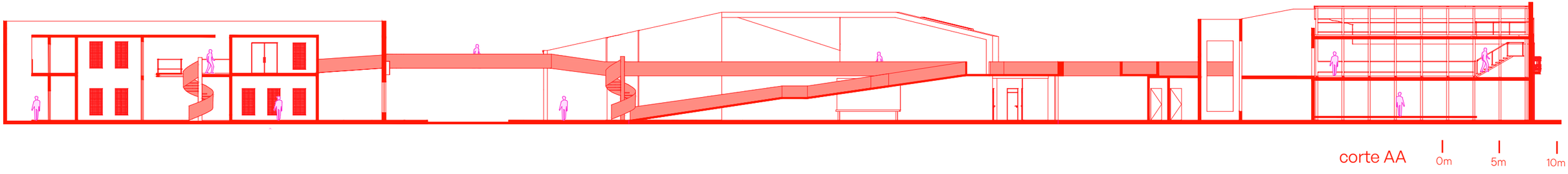
0m 5m 10m

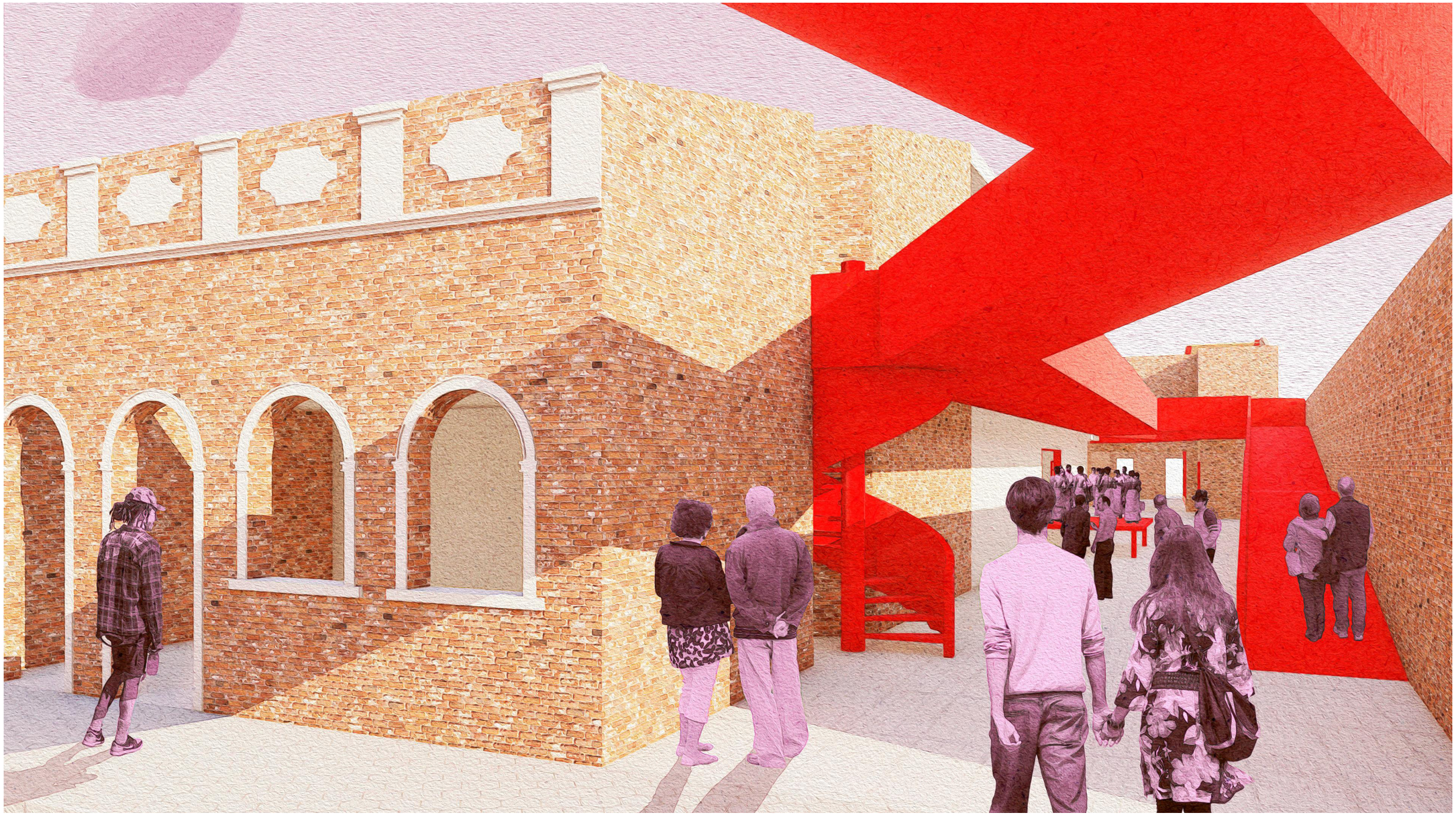
paredes existentes mantidas

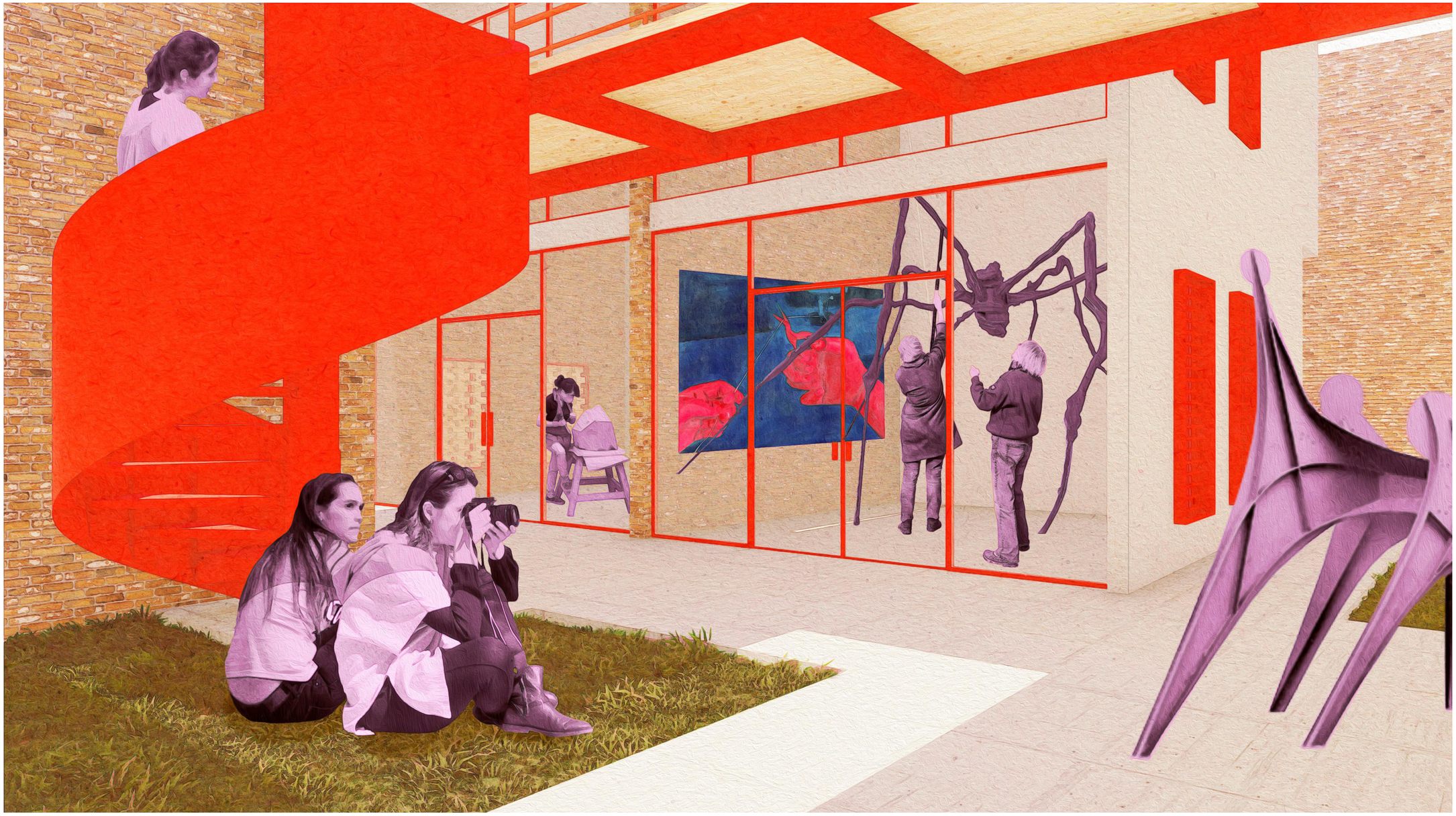
paredes propostas

O ateliê proposto é fluido, livre e adaptável. Seja nos espaços de produção individual e introspectiva ou nos espaços de produção coletiva, ele abarca as dimensões da subjetividade intrínseca ao processo criativo e a multiplicidade inerente à manipulação da matéria e/ou do corpo. São utilizadas vedações móveis e translúcidas que trazem reversibilidade ao espaço e permitem uma comunicação visual contínua, possibilitando que o sujeito acompanhe o processo de produção e a imperfeição dos ensaios. O desenho dos lotes é parcialmente mantido, com uma passarela que cruza o edifício existente no lote central e liga os dois lotes laterais que anteriormente estavam vazios.

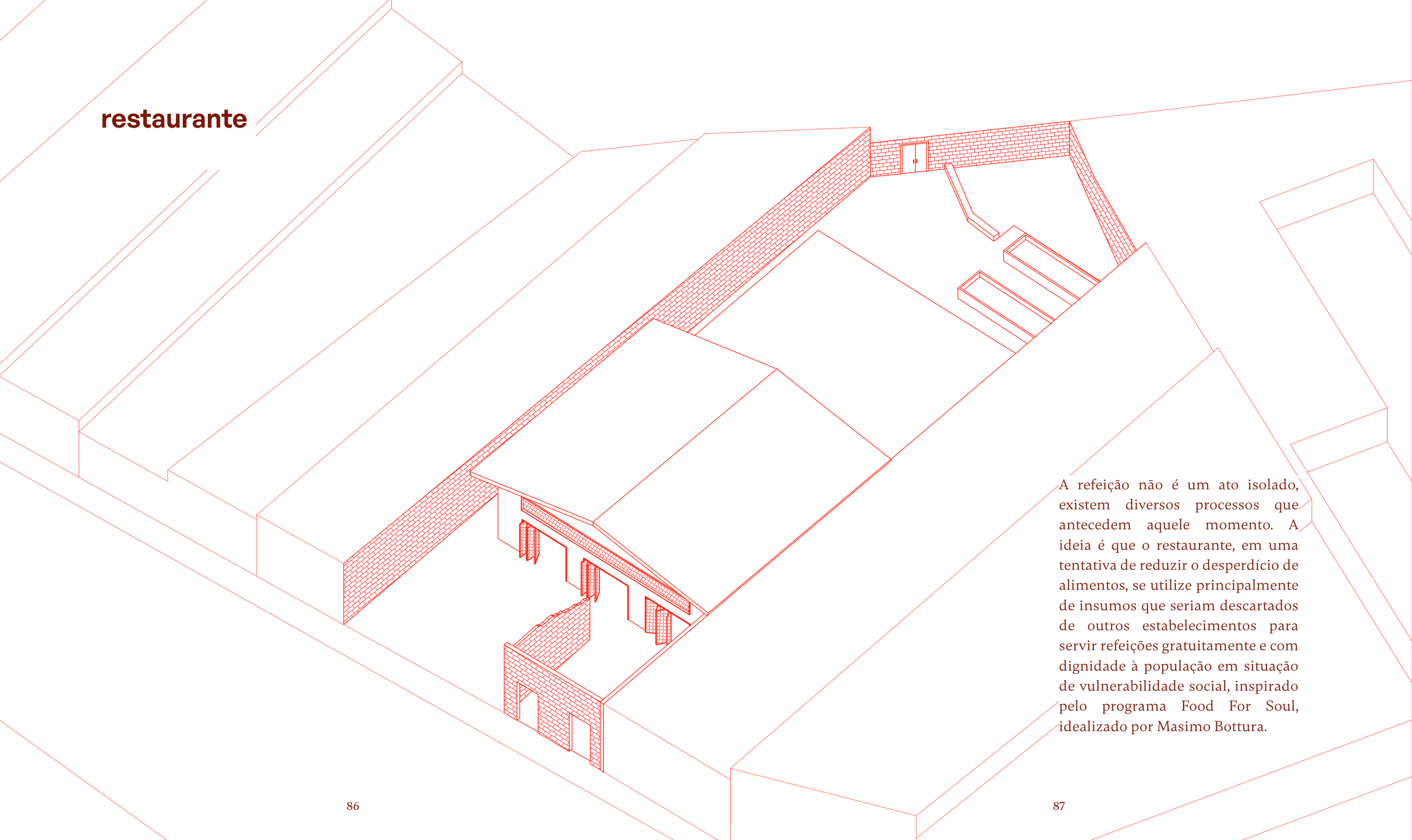
A ideia é que o edifício todo seja um palco — ou mais de um. As performances e apresentações podem acontecer em qualquer lugar, em situações e com enquadramentos variados, explorando a diferenciação de altura dos níveis. São articuladas formas diversas de expor: um auditório fechado que, apesar de tradicional, tem possibilidade de ampliação e abertura para a "rua" com uma vedação móvel na lateral que prolonga o palco; um teatro vertical que eleva a plateia; e as passarelas, permitindo que o artista movimente-se pelo espaço durante as apresentações e concedendo ao telespectador, também, a liberdade de se deslocar durante a performance em busca de pontos de vistas e enquadramentos únicos.







restaurante



A refeição não é um ato isolado, existem diversos processos que antecedem aquele momento. A ideia é que o restaurante, em uma tentativa de reduzir o desperdício de alimentos, se utilize principalmente de insumos que seriam descartados de outros estabelecimentos para servir refeições gratuitamente e com dignidade à população em situação de vulnerabilidade social, inspirado pelo programa Food For Soul, idealizado por Masimo Bottura.

planta baixa térreo

planta baixa 1º pav.

paredes existentes mantidas

paredes propostas

A fachada frontal é mantida com um afastamento generoso até o início da edificação, permitindo que as refeições aconteçam ao ar livre e dentro da edificação, com possibilidade de retirada e de consumo no espaço. Serão ofertadas oficinas de gastronomia com o objetivo de profissionalizar a sociedade civil. Em uma tentativa de articular o equipamento com um vazio na parte posterior do lote, que ocasionalmente pode comportar alguns eventos, foi alocada uma porta em sua interface.

comer
é um ato
político

lista de figuras

{01} sobrado tomado pela vegetação na rua general osório; fotografia própria.

{02} placa de venda na fachada de um vazio urbano na rua general osório; fotografia própria.

{03} diagramas extraídos do livro Investigations in collective form de Fumihiko Maki; edição própria.

{04} capadócia, a cidade esculpida nas rochas, fotografia de Joaquim Nery.

{05} mapa do território CEU Tatuapé/ Carrão; prefeitura municipal de São Paulo com edição própria.

{06} espetáculo no teatro oficina; fotografia de Nelson Kon.

{07} e **{08}** rua duque de caxias vista, a partir de um mesmo ponto, em direções opostas; fotografias próprias.

{09} bancos e cadeiras de uma barraca empilhados na praça rio branco, antes do início do sabadinho bom; fotografia própria.

{10} fachada de sobrado abandonado que teve suas esquadrias substituídas por alvenaria que, eventualmente, foi ressignificada por um artista indígen;, fotografia própria.

{11} carrinho à espera do início do sabadinho bom na praça rio branco; fotografia própria.

{12} vendedor ambulante se organizando para dar início às vendas na praça rio branco; fotografia própria.

{13} banca de frutas sob a sombra de uma árvore no árido ponto de cém réis; fotografia própria.

{14} mangueira abastecendo os baldes dos flanelinhas da rua general osório; fotografia própria.

{15} calçada e guarda-corpo transformados em expositores sobre o viaduto da avenida miguel couto; fotografia própria.

{16} vendedor ambulante com sua banca de bananas sob uma marquise na rua duque de caxias; fotografia própria.

{17} mapa de lotes da região central de joão pessoa, com destaque nos pedaços do edifício explodido; base cartográfica da PMJP com adaptação própria.

{18} perspectiva dos pedaços do edifício dispostos no território; base fotográfica do Google Earth com adaptação própria.

{19}, **{20}**, **{21}**, **{22}**, **{23}**, **{24}** e **{25}** fachadas dos vazios urbanos à serem transformados; fotografia própria.

bibliografia

ANDRADE, P. A. F. ; RIBEIRO, E. L. ; SILVEIRA, J. A. R. **Da Centralidade urbana na cidade de João Pessoa - PB: uma análise dos usos comerciais e de serviços entre o centro tradicional e o centro seletivo – 1970/ 2006**. Portal Vitruvius, 2009.

BORDE, A.P.L. **Vazios Urbanos: perspectivas contemporâneas.** Tese (Doutorado em Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006

BUCCI, A. **São Paulo, razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes.** 2010

BRASIL. **Constituição [da] Republica Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal,1988.

CLEMENTE, J. C . **Vazios urbanos e imóveis subutilizados no Centro Histórico tombado da cidade de João Pessoa – PB.** Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental) – Universidade Federal da Paraíba, 2012.

CLICHEVSKY, N. **Vazios urbanos nas cidades latino-americanas.** In: SMU Cadernos de Urbanismo n 2, Vazios e o planejamento das cidades, 2000.

MAKI, F. **Investigations in Collective Form.** 1964, in Nurturing Dreams. Collected essays on architecture and the city, 2008. p55.

PORTAS, N. **Do vazio ao cheio**. Caderno de Urbanismo N° 2 ,Vazios e o planejamento das cidades. SMU, 2000.

OLIVEIRA, M. H. S. G.; SILVA, J. C. **Um olhar geográfico sobre a história de João Pessoa.** In: Encontro Nacional dos Geógrafos, 2016, São Luís.

SILVA, Y. K. G . **HABITANDO O VAZIO: Um ensaio de ressignificação das vacâncias urbanas na poligonal de tombamento do IPHAN em João Pessoa–PB**. Universidade Federal da Paraíba, 2018,

SILVA, Y. K. G. **OS VAZIOS URBANOS COMO LUGAR DO POSSÍVEL: Uma nova perspectiva de desenvolvimento urbano.** VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Brasília, 2016.

TINEM, Nelci (Org.). **Fronteiras, marcos e sinais: Leituras das Ruas de João Pessoa.** Editora Universitária. João Pessoa, 2006

trabalhos de referência

ANDRADE, Camila. **Fragmentos extraordinários da cidade.** UFPB, 2022.

CARLOVICH, Fernanda. **Projeto de um edifício em explosão.** USP, 2015.

ORNAGHI, Paola. **interior-exterior: entre a casa e a escola**. USP, 2017.

joão pessoa, maio de 2024